

Picasso, Guerra Civil Espanhola e crimes contra a humanidade: uma resenha sobre o filme “O massacre em Guernica”

Marta Batalini¹

Luiz Cesar Machado de Macedo²

(GUERNICA). Direção: Koldo Serra. Roteiro: Barney Cohen e Carlos Clavijo. Elenco: James D’Arcy, Maria Valverde e Jack Davenport. Gênero: Guerra/ Drama histórico/Romance. Produção: ESP/EUA, 2016, 110 min.

O filme é dirigido pelo cineasta e roteirista basco Koldo Serra, nascido em Bilbao em 15 de abril de 1975 (43 anos) e diretor, dentre outros trabalhos realizados no campo da publicidade e da televisão, dos filmes *Amor de madre* (1999), *El tren de la bruja* (2003) e *Bosque das Sombras* (2006). Em entrevista logo após o lançamento do filme na Espanha em 2016, declarou que sua intenção principal era “contar uma história clássica da maneira mais clássica”, porém declarou peremptoriamente: “sou basco e conheço a sensibilidade especial do assunto”, o que de fato se revela no tom quase documental de sua abordagem, ainda que por assumidas razões comerciais de acesso ao público, o enredo de amor entre os protagonistas principais, o jornalista americano Henry (James D’Arcy) e a militante republicana e socialista Teresa (Maria Valverde), seja o fio condutor da história.

Mesmo tendo ampla experiência como roteirista em trabalhos anteriores, coube a Carlos Clavijo, nascido em 1973 em Algeciras/Espanha e amigo de Koldo e ao americano Barney Cohen, indicado pela coprodutora Sony, a tarefa de escrever a quatro mãos o roteiro, o que resultou por fim em um excelente trabalho narrativo e com ampla base documental, a critério de Koldo Serra.

O filme “Guernica” (em espanhol, Gernika em basco) foi lançado em 26 de abril de 2016 em Málaga, e em 9 de setembro do mesmo ano em toda a Espanha. Recebeu no mesmo ano o Prêmio Goya por efeitos especiais. No Brasil não estreou no circuito comercial de cinemas, sendo lançado apenas para acesso por assinatura, e no formato DVD em 02 de agosto de 2016, com o nome de “O massacre em Guernica”. O filme tem como pano de fundo e cenário histórico um dos mais célebres eventos da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a saber, o bombardeio por duas horas seguidas da pequena cidade histórica de Gernika, com apenas 7.000 mil habitantes, situada no País Basco/Espanha, no fatídico dia 26 de abril de 1937. Calcula-se que cerca de 50 aviões bombardeiros em atuação aérea conjunta da Legião Condor (enviada por Hitler) e da aviação italiana (enviada por Mussolini) tenham lançado ao todo cerca de 22 toneladas de explosivos. O número de mortos é até hoje motivo de dúvidas entre os historiadores, mas o estado de destruição total da cidade é inegável. As justificativas para o ataque, realizado

¹ Bacharel em Filosofia. Mestre em Filosofia pela PUC-SP. Professora do Centro Universitário do Triângulo – UNITRI. Especialista em Filosofia Clínica. E-mail: martabatalini@hotmail.com.

² Bacharel em Direito e Filosofia. Mestre em Filosofia do Direito pela PUC-SP. Professor efetivo no curso de Direito da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: luizcmmacedo2013@gmail.com.

em apoio ao insurgente General Franco, que combatia em guerra civil contra o governo legal republicano, foram tidas como pífiás, por não se tratar a cidade de objetivo militar. A autoria do ataque foi inicialmente negada pelos governos alemão e italiano, porém, ao final da guerra civil com a vitória de Franco, o bombardeio sobre Guernica passa a ser visto e apresentado como exemplo da eficiência da Luftwaffe (força aérea) alemã.

O enredo do filme acompanha a atuação do personagem fictício Henry (interpretado por James D'Arcy), um misto de jornalista, escritor e fotógrafo que busca sintetizar as figuras históricas do jornalista britânico George Steer (1909-1944), do escritor americano Ernest Hemingway (1899-1961) e do fotógrafo húngaro Robert Capa (1913-1954), pois todos eles estiveram atuando na cobertura da Guerra Civil Espanhola, verdadeiro prelúdio da Segunda Guerra Mundial. Na vida real porém, coube a George Steer a primazia histórica de ser o primeiro jornalista a estar de fato em Guernica logo após o bombardeio, e a relatar a extensão da destruição lançada sobre a cidade basca, denunciando inclusive a participação alemã no bombardeio por meio de bombas tradicionais e incendiárias para criar uma tempestade de fogo sobre o povoado. Na época, atuava como correspondente de guerra do tradicionalíssimo e conservador diário britânico The Times, o que se por um lado garantiu que o seu relato fosse divulgado em todo o mundo, por outro, causou atritos com a direção do jornal, que não apreciou o tom decididamente contrário às forças de intervenção nazistas e fascistas, temerosa de que a cobertura jornalística pudesse causar problemas diplomáticos para a política de apaziguamento promovida pelo governo do primeiro-ministro inglês Neville Chamberlain com a Alemanha e a Itália. O seu papel de denúncia está imortalizado em um busto de homenagem ao jornalista na cidade de Guernica.

Dentre as repercussões de sua reportagem, talvez a mais famosa seja, em decorrência do realismo de sua descrição do massacre no povoado basco, a motivação para o pintor Pablo Picasso a realizar a famosa pintura à óleo Guernica, no formato de um mural, iniciada sua confecção no mesmo dia em que teve acesso às notícias do bombardeio, em 26 de abril de 1937, e concluída por ele em junho de 1937. Tendo sido inspirado pelas notícias de jornal sobre o bombardeio, teria optado por pintar o mural em tons monocromáticos. Com 349 centímetros de altura por 776,5 centímetros de comprimento, a obra constituiu-se, segundo palavras do próprio Picasso, em uma “declaração de guerra contra a guerra e um manifesto contra a violência”. Em virtude da postura pacifista e anti-fascista de Picasso (1881-1973) e da vigência de quatro décadas do regime ditatorial do General Franco (1936-1975), o mural que se tornou um ícone mundialmente reconhecido, apenas retornou à Espanha em 10 de setembro de 1981, mais de quarenta anos após sua confecção e a morte de ambos. Desde 1992 encontra-se em exposição no acervo permanente do Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia em Madrid.

Com relação ao próprio enredo, os temas históricos acabaram por receber um tratamento superficial e pouco esclarecedor, como por exemplo, o conflito ideológico interno entre as forças que combateram Franco: comunistas espanhóis (apoiados por Stálin), anarquistas catalães, sociais democratas, liberais madrilenos e brigadistas voluntários internacionais que atenderam ao pedido de ajuda do governo republicano espanhol. De outro lado, em tons nitidamente maniqueístas, o filme apresenta uma indisfarçada subserviência dos republicanos espanhóis aos cruéis comunistas soviéticos. Exemplo dessa abordagem é representado pela personagem Teresa, que atua como obediente censora dos textos dos correspondentes de guerra estrangeiros na região do conflito sob as ordens de seu chefe soviético, Vasyil (Jack Davenport), que por sua vez,

apresenta-se sempre temeroso em desagradar os caricatos “agentes de Stálin”, que no filme estão constantemente a exigir que lhe sejam apresentados “os inimigos do povo” para a execução. Para se ter uma ideia da complexidade do conflito ideológico na guerra civil espanhola, melhor seria assistir ao trabalho de outros diretores em produções anteriores tais como, *Terra e Liberdade (Land and Freedom)*, de Ken Loach, em 1995; *Soldados de Salamina*, de David Trueba, em 2003, ou ainda, a oportuna abordagem de gênero sobre o conflito no sensível *Libertárias*, de Vicente Aranda, em 1996.

Por outra perspectiva, ao contrário do tom de “denúncia” ao stalinismo apresentado no filme, não aparecem críticas mais veementes a atuação da *Legião Condor*, força de intervenção estrangeira nazista e majoritariamente composta pela força área alemã (Luftwaffe), que é tratada com certa deferência respeitosa no filme, como se pode ver pela cena onde é narrada uma demonstração da eficácia alemã por meio da disciplina e planejamento do ataque aéreo a ser realizado sobre Guernica, em uma “aula” dada pelo comandante Marechal-do-ar Wolfram von Richthofen (parente do famoso avião alemão Barão Vermelho da primeira guerra mundial) que discorre sobre a estratégia do tapete de bombas e sobre os efeitos das bombas incendiárias (thermite) que, segundo dito pelo comandante, não poderiam ser combatidas por água ou areia, até que esgotassem o seu poder de combustão. Sabe-se hoje que a Legião Condor começou sua atuação na Espanha a partir de 11 de novembro de 1936 e chegou a reunir 5 mil aviadores, além de milhares de soldados, unidades de tanques, blindados e infantaria motorizada durante todo o período da guerra civil na Espanha. Em 06 de junho de 1939, encerrado o conflito na Espanha com a vitória de Franco, cerca de 15 mil combatentes alemães na Espanha desfilaram sob aclamação nas ruas de Berlim.

A participação italiana no conflito praticamente não é retratada no filme. No entanto, a intervenção italiana na guerra civil é a maior de qualquer outra potência estrangeira no conflito. Em janeiro de 1937 encontravam-se em território espanhol cerca de 44 mil soldados italianos, colaborando ativamente nas operações militares, sendo certo que o seu número alcançou 50 mil homens em meados de 1937, formada por soldados do exército regular italiano e não por “voluntários” como a propaganda fascista de Mussolini propagava. A força expedicionária foi denominada de *Corpo di Truppe Volontarie*.

Deve-se destacar uma outra personagem no enredo, a fotógrafa e correspondente de guerra Marta, representada pela atriz sueca Ingrid Garcia Jonsson, que recebeu em 2015 o prêmio Goya de melhor atriz revelação por sua atuação em *Linda Juventude*, pois possibilita comentar o papel essencial dos correspondentes fotográficos de guerra. O personagem fictício em questão, provavelmente é inspirado na combinação dos aspectos da vida real de duas jovens e corajosas mulheres que acompanharam de perto a guerra civil espanhola: a escritora e jornalista correspondente de guerra Martha Gellhorn (1908-1998) e a fotógrafa Gerda Taro (1910-1937). O trabalho e a qualidade da escrita de Martha Gellhorn a qualifica como um dos maiores correspondentes de guerra do século XX, cobrindo praticamente todos os grandes conflitos mundiais em uma carreira de mais de 60 anos. Chegou a Espanha com a idade de 28 anos e permaneceu na sitiada Madri durante a guerra civil. Por meio de passeios próximos ao Hotel onde estavam os correspondentes, em entrevistas com os cidadãos e mulheres madrilenas, descreveu o drama humano da guerra: destruição das casas, utensílios e móveis, a dificuldade de conseguir comida, etc. Foi durante esse período que conheceu Hemingway, de quem se tornou a terceira esposa por pouco tempo (1940-1945). A história dessa tempestuosa relação pessoal, em uma versão romanceada, pode ser vista no filme *Hemingway e Gellhorn*, de 2012, dirigido por Philip Kaufman e estrelado por Clive Owen (Hemingway) e Nicole Kidman (Gellhorn). Já

a fotografa Gerda Taro, nascida em 1 de agosto de 1910 em um família de prósperos judeus poloneses que viviam na Alemanha, na região de Stuttgart, chegou a Espanha na mesma época do início da guerra civil, com a idade de 26 anos e fortes convicções políticas anarquistas, disposta a contribuir com sua arte na denuncia das atrocidades de guerra. Para tanto, atuou nos fronts de batalha fotografando tudo o que podia, ao lado dos grandes amigos e companheiros de arte, o polonês David Seymour (1911-1956), apelidado de “Chim” e o húngaro Robert Capa, talvez o maior correspondente fotográfico de guerra de todos os tempos. Infelizmente, Gerda Taro faleceu no mesmo ano de sua chegada, em 26 de julho de 1937 na cidade de Brunete, Espanha, atropelada por um tanque de guerra enquanto cobria o front. O seu trabalho fotográfico e de seus colegas durante o período, quase se perdeu, visto que tiveram que ser deixados para trás quando da fuga de Capa e Chim do avanço franquista na Espanha. Perdidos por mais de quarenta anos, 126 rolos de filme com 4.500 negativos de Robert Capa, mais também de Gerda Taro e de David Seymour chegaram no final de dezembro de 2007 a cidade de Nova York, ao Internacional Center of Photography, vindos da cidade do México. Sua origem misteriosa, ainda por investigar, deu as caixas esfarrapadas que os acondicionavam o nome de *valises mexicanas*. No período de 23 de julho a 2 de outubro de 2016, algumas das mais marcantes fotos estiveram em exibição no Brasil, na cidade de São Paulo, no Centro Caixa Cultural, em exposição denominada *A valise mexicana: a redescoberta dos negativos da guerra civil espanhola de Capa, Chim e Taro*.

Dessa forma, em que pese alguns deslizos do roteiro e de abordagem, o fato é que o filme consegue apresentar no essencial a tragédia que significou o massacre planejado de civis e a destruição de uma cidade, apenas para cumprir um exercício de guerra, como experiência calculada de morte. De fato, o bombardeio de Guernica durante a segunda guerra mundial pode ser considerado o início espetacular de toda uma série de bombardeios indiscriminados sobre as populações civis, realizadas tanto pelas potencias do eixo como pelo denominados aliados, passando pelo holocausto nuclear de Hiroshima e Nagasaki e chegando nos dias de hoje aos incessantes estragos e mortes causados à desesperada população de Aleppo no norte da Síria, contabilizados pelos senhores da guerra como “danos colaterais” aos objetivos militares. Infelizmente, até os dias de hoje o direito internacional ainda não conseguiu expressamente conceituar esses atos como verdadeiros crimes contra humanidade e ainda aguarda uma melhor definição do que a prevista no atual Tratado de Roma de 1998, que instituiu o Tribunal Penal Internacional e conceitua *alguns dos crimes contra a humanidade* em seu artigo 7º, porém, *sem incluir as agressões diretas à população civil em tempos de guerra ou mesmo de paz*. Dessa forma, visualizar o quadro Guernica de Picasso continua a relembrar a nossas consciências todas essas atrocidades e de nossas omissões.

Como sugestão para aprofundar o conhecimento sobre os fatos narrados no filme, temos em português o insuperável relato sobre a guerra civil feito pelo historiador e especialista em segunda guerra mundial Antony Beevor, *A Batalha pela Espanha: a guerra civil espanhola (1936-1939)*. Para conhecer o trabalho de George Steer e a descrição dos acontecimentos de Guernica, temos em recente tradução a obra *A árvore de Gernika: um estudo de campo da guerra moderna* de autoria do próprio jornalista. Para conhecer o trabalho de Martha Gellhorn a coletânea das reportagens mais marcantes de sua carreira saiu publicada no Brasil com sob o título de *A face da guerra*, e por fim, para conhecer em detalhes a epopeia da produção do mural de Picasso, temos o livro de Gijs van Hesusbergen, *Guernica*. Para compor um quadro essencial, não poderiam faltar os livros de mais influente estudioso do período, o historiador americano Paul Preston,

infelizmente ainda não traduzidos, mas disponíveis em espanhol: *Franco: caudillo de España* e *La guerra civil española: reacción, revolución y venganza*.

Referências

BEEVOR, Antony. **A batalha pela Espanha: a guerra civil espanhola (1936-1939)**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GELLHORN, Martha. **A face da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HENSBERGEN, Gijs van. **Guernica: a tela de Picasso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

PRESTON, Paul. **La guerra civil española: reacción, revolución y venganza**. 3ed. Barcelona/España: Ediciones Debolsillo, 2011.

_____. **Franco: caudillo de España**. 2ed. Barcelona/España: Ediciones Debolsillo, 2006.

STEER, G.L. **A árvore de Gernika: um estudo de campo da guerra moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.



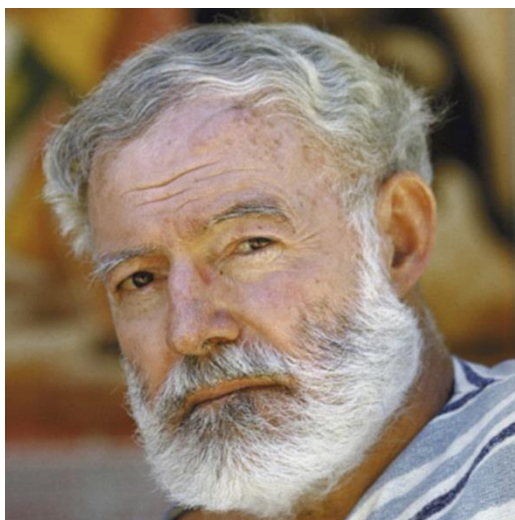
Guernica (1937) Pablo Picasso



Imagens de Guernica destruída pela guerra



Busto de George Steer (1909-1944) na cidade de Guernica



Ernest Hemingway (1899-1961)



Robert Capa (1913-1954)



Martha Gellhorn (1908-1998)



Gerda Taro (1910-1937)